

EDITORIAL

“Se o jornalismo é crítico, ele tem que enfrentar os mais poderosos. Tem que ir contra o poder hegemônico e trabalhar para as minorias, para mais igualdade social, pelo respeito geral dos direitos. É isso que parte da crítica acadêmica está cobrando do jornalismo”. Esta oportuna fala compõe a entrevista que abre a primeira edição da Líbero de 2019. São palavras de Gislene Silva, professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Em conversa realizada com Juliana Doretto para a nossa revista, Gislene fez preciosos apontamentos a respeito das críticas lançadas pela Academia ao Jornalismo.

Seguimos com 11 textos de temática livre. No primeiro deles, Telma Sueli Pinto Johnson e Paulo Roberto Figueira Leal arrolam entrevistas com profissionais do diário *El País* na Espanha e no Brasil, somadas a indicadores de acesso digital à edição brasileira do periódico, para cotejar as narrativas construídas pelo jornal sobre o seu próprio perfil editorial com as percepções de segmentos do seu público leitor.

Na sequência, uma polêmica editorial. O artigo “*Excommunicatio communicationis*. Uma introdução a uma teoria negativa da comunicação”, de Maurício Liesen, foi avaliado por dois pareceristas. Em todos os casos, a excelência do texto foi destacada. Igual modo, um dos pareceres questionou a aderência do trabalho ao Campo da Comunicação, e a sua conseqüente veiculação na Líbero. Os editores deliberaram, então, deixar aos leitores a possibilidade de refletir se um escrito orientado por perspectiva epistemológica que não problematiza qual é o objeto da comunicação, mas faz da ideia de comunicação o seu próprio objeto, é pertinente a uma publicação como a nossa.

O terceiro texto desse número é assinado por Carlos Costa. Em “O futuro do trabalho do jornalista é o digital”, Costa reflete sobre as mudanças que ocorrem (cada vez com maior velocidade) no mundo do trabalho, precisamente no limiar da chamada “4ª Revolução Industrial”. Lemos afirmações fortes, provocadoras, como a que segue: “O diploma não traz certeza de emprego e muitos desaparecem. As escolas parecem distraídas quanto a isso, enquanto empresas jornalísticas tomam dianteira.”

Eduardo Duarte vem na sequência com “O Pensamento por imagens – a aurora das experiências estéticas do homo sapiens”, cuja pergunta de pesquisa pode ser assim enunciada: “Como se estrutura o pensamento a partir de imagens?”. A interrogação é não apenas pertinente, como também problematizada da filosofia grega às recentes ciências cognitivas.

Em “A Polarização Afetiva da Obra de Sebastião Salgado”, nosso quinto artigo, Wagner Souza e Silva enquadra “Gênesis”, último projeto de Sebastião Salgado, como materialização de uma mudança temática, passando das conhecidas abordagens da miséria, desigualdade social e sofrimento humano para a exuberância de ambientes naturais do planeta. Considerando existir evidente virada em relação ao objeto fotográfico de Salgado, Souza e Silva discute esta guinada a partir de uma interpretação afetiva, propondo que este mais recente trabalho do fotógrafo parece um tipo de mudança de estratégia sensível para abordar as mesmas questões que estavam presentes em suas produções anteriores.

Nosso sexto artigo, “Capoeira e Interfaz: Cuerpo, mente y hologramas en la subversión del conocimiento”, escrito por Alberto Greciano, constrói uma relação metafórica entre a fenomenologia da Capoeira e

a da Interface, para então introduzir questões epistemológicas e cognitivas ligadas à comunicação contemporânea. Sua abordagem explora o modo particular de exposição do conhecimento que se desenvolve nestes dispositivos e os modelos mentais que sustentam suas bases.

Após o trabalho de Greciano, trazemos Luíza Beatriz Amorim Melo Alvim e Nina Velasco Cruz com “*Na ventania: do irrepresentável para os tableaux vivants e o uso da voz over*”. As autoras inauguram o trabalho com a controvérsia do irrepresentável no cinema, desencadeada por filmes sobre o Holocausto judaico na Segunda Guerra Mundial, para analisar como prevenções ético-estéticas se atualizam no filme estoniano “*Na ventania*” (MARTTI HELDE, 2014), dando profundidade à película para além da imagem e da cena.

O oitavo artigo da Líbero é “*No silêncio dos vestígios: o naufrágio do Maria Celeste na capa do Jornal do Povo*”. Estefania Knotz Canguçu Fraga e Diogo Azoubel publicam aqui a terceira parte de uma série de reflexões sobre a imagem fotojornalística via análise da capa da edição de 19 de março de 1954 do *Jornal do Povo*, em que são retratados seis das vítimas do incêndio e sucessivas explosões do navio cargueiro Maria Celeste, por três dias consecutivos, na costa do Maranhão. Carlo Ginzburg e Aby Warburg são costurados numa sofisticada perspectiva que, longe de configurar exaustivo exercício teórico, possibilita aplicá-los partindo da revisão bibliográfica como técnica aliada ao método monográfico.

Chegamos, então, a “*Comunicação cidadã e ecológica: experiência de resistência cultural contemporânea a partir da atuação do larp no Centro Cultural da Juventude de São Paulo*”. Tadeu Rodrigues Luama e Jorge Miklos exploram práticas comunicacionais contra-hegemônicas que refletem sobre diferentes modelos de estruturas sociais, cujos enfoques encontram relações horizontalizadas. Tem como objeto o larp, cujo recorte envolve tal prática pela ONG “*Confraria das Ideias*”, no Centro Cultural da Juventude de São Paulo. Todo o trabalho é apoiado na Ecologia da Comunicação de Vicente Romano.

Seguimos, agora, com “*Jogo Inside Experience: as marcas e a cultura na sociedade do espetáculo*”. Cláudio Coelho e Yolanda Moretto Scudeller fazem um exercício para compreender como a identidade das empresas, recentemente, passa a se aproximar cada vez mais da cultura através do jogo, dentro do contexto da sociedade do espetáculo. A argumentação é montada a partir de observações sobre o jogo de realidade alternativa *The Inside Experience*. As proposições de Debord são tramadas com Klein, Van Dijk e Lemos, buscando-se entender o papel das marcas como produtoras de cultura, e como os usuários de jogos digitais são incentivados a participar do processo de produção destes produtos.

O último artigo desta edição, “*Fotojornalismo esportivo: imagens de Mulheres paralímpicas em seis capas de jornais brasileiros*”, analisa como as mulheres paratletas foram retratadas em seis capas dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, durante os “*Jogos Paralímpicos Rio 2016*”. Neide Maria Carlos e José Carlos Marques têm por ponto central de análise o fotojornalismo esportivo, atravessado pelas questões de gênero e da construção de discursos.

Finalizamos a Líbero com uma resenha de Laura Uliana sobre o livro “*Imaginação Civil: Uma Ontologia Política da Fotografia*”, de Ariella Azoulay (2018).

Desejamos a todas e todos uma excelente leitura.

Marcelo Santos e Simonetta Persichetti